

PSICANÁLISE

Quem são os perversos?

o No momento em que assuntos como a pedofolia, dentre outras perversões, estão na ordem do dia, é oportuna a publicação do livro da Historiadora e Psicanalista Elisabeth Roudinesco, onde é abordada, com rigor, a história dos perversos em vários momentos da história, sobretudo do período medieval ao contemporâneo

LAÉRIA FONTENELE*
Colaborador

A psicanálise, dentre as ciências que surgiram no contexto da modernidade, foi a que mais contribuiu para um estudo rigoroso da perversão, tomando-a fora do campo da moral e acentuando a sua pertença à própria estrutura do humano. Também contribuiu para, mais especificamente, designar os sujeitos em que se faz ressoar a estrutura perversa, caracterizada pelo desmentido da castração materna.

Dessa forma, a perversão é tomada com o rigor científico que permite distingui-la do seu sentido comum, que faz equivaler perversão e perversidade. Tal concepção remonta à Idade Média, e à Idade Clássica, e a perversão era vista como uma maneira de abalar a ordem natural e converter os homens ao vício. Conforme nos mostra o seguinte trecho:

"O ato de perverter supunha então a existência de uma auto-ridade divina. E, aquele que se atribuía como missão arrastar a humanidade inteira para a autodestruição não tinha outro destino senão espreitar, no rosto da lei por ele transgredida, o reflexo do desafio singular que ele lançara a Deus. Demoníaco, amaldiçoado, criminoso, devasso, torturador, lascivo, fraudador, charlatão, delituoso, o pervertedor era, em primeiro lugar uma criatura dúbia, atormentada pela figura do Diabo, mas ao mesmo tempo habitada por um ideal do bem que ele não cessava de destruir a fim de oferecer a Deus, seu senhor e seu carrasco, o espetáculo de seu próprio reduzido a um dejetto."

Lamentavelmente, ainda se faz perceber o eco dessa concepção nas representações contemporâneas sobre a perversão, revelando a sua redução à crueldade,

ao ódio e à destruição como figuras da negatividade da liberdade. Redução que não permite vislumbrar a face criativa e forma de acesso à liberdade. Não é sem razão que os perversos instigam a curiosidade dos neuróticos, exercendo sobre eles o fascínio de um impossível de alcançar. Os perversos, poderíamos dizer, são Barbies para os neuróticos, tudo o que eles queriam ser, mas não o conseguem por razões ligadas à sua estrutura.

A autora demonstra, ainda, que a perversão, apesar de ser universal, nos remete ao lado obscuro dos seres humanos e é definida em cada época da história de uma forma particular. O livro é atravessado pela seguinte pergunta, norteadora que foi da pesquisa que lhe deu origem: "Onde começa a perversão e quem são os perversos?" A resposta é perseguida a partir de diversas referências, o que confere à obra o seu caráter inédito e polissêmico, nos fazendo ver por diversos ângulos tanto o conceito de perversão, suas concepções em épocas diversas, retratos de perversos e a exposição das perversões sexuais.

A conjunção de todos esses elementos possibilita a análise, eminentemente crítica e desconstrutora, das teorias que foram edificadas em torno das perversões e dos perversos, sobretudo

do as que surgiram no século XIX. Barba Azul; Marquês de Sade; Santa Catarina de Siena; Santa Liduina de Schiedam; Henrique III, Dorian Gray; Hitler; flagelantes, terroristas; pedófilos; são alguns dos personagens retomados nesse livro, possibilitando que seja engendrada com novo fôlego a noção de perversão. o

*Do Corpo Freudiano de Fortaleza

HISTÓRIA ★ ★ ★



JORGE ZAHAR 2008
224 PÁGINAS
R\$ 34,00

A Parte Obscura de Nós Mesmos
Elisabeth Roudinesco

História, perversão, perversos.



© CÍCERO DIAS , Incidência II - 1955 , óleo sobre tela, 92 x 73cm. FOTO: REPRODUÇÃO